

Dona Zinha

Em Tocos, um esquecido povoado pertencente ao município de Antônio Cardoso, vizinho da cidade de Feira de Santana, no Agreste, quem é do samba, do Candomblé, quem reza para Santo Antônio, São Cosme ou Santa Bárbara conhece Luiza Pereira Brandão, com quase 80 anos como Dona Zinha. Além disso, Dona Zinha é uma parteira respeitada, “mãe de embigo” de muita gente de Tocos, que vive em casa rodeada por animais domésticos. Desconfiada, ela fala pouco, ao mesmo tempo em que, numa conversa entrecortada, comenta sua vida pessoal, fala do seu apego e das manias de seus bichos de estimação, revela uma coisa ou outra que sabe do samba e do Candomblé.

Para Dona Zinha, o samba veio com os africanos mais antigos, escravizados. Eles teriam deixado de herança o “samba nagô”, tocado nos terreiros com tambor, o “samba brasileiro” ou de “pandeiro em pé”, tocado nas palmas, no pandeiro e viola, “é o corrido, a chula, o côco”. Além de um vasto repertório de chulas, relativos, corridos e rezas D. Zinha pega firme no tambor e no pandeiro.

Uma das suas especialidades é o “licutixo” que é uma modalidade poética do samba desta região e que consiste na arte de cantar uma série de versos curtos, ritmados e muito ligeiros, contando uma pequena história que deveria terminar com um desfecho inesperado ou engraçado..